



**Lendo, estoriando
e desembrulhando Angola...**

Andrea Cristina Muraro*

Lendo Angola é uma coleção de ensaios resultante de uma série de comunicações proferidas em junho de 2007 durante um curso de Literatura Angolana e de conferências de anos anteriores que fizeram parte do Programa de Doutorado: Pós-Colonialismos e Cidadania Global, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Organizada em duas partes, a primeira delas traz ensaios críticos de Boaventura Cardoso, Manuel Rui, Luandino Vieira, Paula Tavares e Ondjaki. Os textos dos escritores angolanos formam um conjunto que deixa entrever a oralidade, como um ponto em comum no tocante à produção literária angolana do último meio século. Nas palavras de Boaventura Cardoso, há um certo *desembrulhar da língua* em que as

* Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/FFLCH - USP. Contato: a.muraro@uol.com.br

questões relativas à oralidade assumem um corpo de memória, dando margem à formação de um sistema como *comunidade cultural*, costurada no “imaginário angolano” e na “filosofia banto do vitalismo” (p.19).

Nestes textos críticos, a amálgama secular da língua nos dá um inventário de identidades que vão sendo raspadas pelos vários sujeitos produtores dessa estética e vem à tona – com jeito de palimpsesto - e que fica aqui exemplificada pelo excerto de um dos ensaios: “interfiro, descrevo para que conquiste a partir do instrumento escrita um texto escrito meu” (p.28). Na voz de Manuel Rui, o texto “Eu e o Outro – O Invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”, que mesmo sendo familiar aos estudiosos da área, relembra-nos esse movimento da fala à escrita, pois continua atual como o era em 1985, data de sua escritura.

Mas não só de “afectividade literária” (p.22) é feito esse conjunto de textos críticos. Para poetas e prosadores, hipotetizar possíveis ou um possível *certificado de nascimento* dessa literatura é preciso. As provocações, no sentido de fazer o leitor debruçar-se sobre a temática da formação da literatura angolana, vindas de Luandino Vieira e Paula Tavares, abrem discussões acerca dos “buracos negros” dessa historiografia, lacunas que segundo os autores advêm do século XVIII.

O inventário aponta sempre Cadornega, o autor português dos três volumes de *História Geral das Guerras Angolanas (1680-1681)*, como um precursor que *perturba* os poetas, os historiadores e críticos. A presença da *língua desembrulhada* de Cadornega indica a necessidade de reconversão, de revisita, de reinvenção, de reconstrução do *arquivo nacional oral* (p.66). E para usar a expressão de uma das organizadoras do volume, professora Laura Padilha, os *ensaios como poemas* deixam que elos de outros tempos sejam soprados para quem “tem no ouvido o som de outras línguas” (p.49) e para quem puder “ouvir e ler o eco de tudo” (p.52), o que justifica o subtítulo dessa primeira parte, anunciado e concentrado em: “Lendo Angola pela voz dos seus escritores”.

Dos textos coligidos na segunda parte intitulada: "Lendo Angola pelas reflexões críticas", ressaltam-se possíveis respostas às inquietações apontadas pelos escritores. Compostos em diálogo com a produção estética e crítica da literatura angolana, os ensaios dos críticos de língua portuguesa – maioritariamente – convergem para a busca de um outro olhar que possa abarcar o registro da memória coletiva e de seu impacto no imaginário cultural. Um exemplo disso é o ensaio da professora Inocência Mata, que destaca a obra de Pepetela como um elemento mediador de "dupla eficácia: por um lado, faz implodir a narrativa fundacional, feita de um nivelamento de olhar(es) e, por outro, crítica a privatização dos factos históricos para a construção de uma outra história oficial, essa de uma elite que chegou ao poder pela acção política gerenciada pelo pensamento utópico" (p.81).

Não diferente é a postura da autora de "Os Anos de Pólvora: narrativas sobre a guerra na ficção angolana contemporânea". *O signo de fogo, As lágrimas e o vento, Nós os do Makulusu, Actas da Maianga e O manequim e o piano* são situados por Tania Macêdo como romances de guerra, que enquanto gênero resgata e abriga formas orais; dessa maneira, as obras narram a "tensão [...] entre patterns ocidentais e narrativa orais" (p.117); sem deixar de apontar o tom de "um certo humor corrosivo, que desmascara discursos sobre a guerra, auxilia o questionamento de um sentido único dos relatos"(p.120), inscritos nestes romances.

Ainda no pensar das guerras seculares inscritas no corpo da literatura angolana, instigante é o texto da pesquisadora Élide Lauris, cuja abordagem comparativa entre *Grande Sertão: Veredas* do brasileiro Guimarães Rosa e de *Luuanda* de Luandino Vieira vem recordar o conceito de direito de Boaventura Sousa Santos (retórica, violência, burocracia) para ler "hipóteses do pluralismo de ordens jurídicas" (p.137) e destacar o predomínio da retórica como forma de resolução de conflitos no direito do musseque ao analisar a "Estória da galinha e do ovo".

Com maneiras de pós-colonialidade, há um cotejo interessante entre dois estudiosos portugueses neste volume. Um deles é o ensaio do professor português Pires Laranjeira, que se faz provocativo pelo arrojo da estratégia; dentre outros fatores, se propõe a refletir sobre um romance cujo enredo trata dos brancos do Sul de Angola que se sentiam angolanos e tiveram que reaprender a serem portugueses durante os trâmites da independência entre 1975-1976, fazendo vir à tona outras guerras – as internas, as identitárias; qual seria então o lugar, a cidadania de uma obra como *A separação das águas* do escritor português Leonel Cosme? Tal questionamento é retomado, de forma mais abrangente em um dos pontos do ensaio da estudiosa portuguesa Margarida Calafate: “Como podemos continuar a contemplar quase um capítulo à parte, como um apêndice incômodo (...) a literatura designada colonial, que afinal de contas grande parte da história de Portugal passada noutras paragens? Onde também nós portugueses colocaremos Cadornega, (...) ou os escritores ditos coloniais?” (p.188). O que ambos nos fazem lembrar é que há “esseoutros”.

Um outro fio desta antologia, além dos “tratados de guerra”, parece cerzir-se às reflexões sobre a poesia angolana. Outros três ensaios da antologia traçam um percurso desse gênero. Em um deles, Roberto Vecchi questiona a teoria da influência no trânsito Brasil-Angola. No encaixo dos *interstícios* entre uma nação poética e histórica, o ensaísta recoloca o problema: “Qual Modernismo brasileiro efectivamente incidiu sobre o projeto de formação da nação literária angolana?” (p.161); com isso, chama à discussão fendas de leitura entre os brasileiros Manuel Bandeira, Jorge Lima, junto dos angolanos Viriato da Cruz e Maurício Gomes, dentre outros.

Ainda sobre a poesia, o crítico angolano Luís Kandjimbo revê, em perspectiva histórica, o antes e o depois de Agostinho Neto que, inserido na geração de 40, projeta o *eu-lírico* como *sujeito coletivo* de parte de sua produção; o que segundo o crítico, revela “peripécias biográficas” (daquele que será o primeiro presidente angolano) aliadas

ao tipo de discurso assumido em sua poesia: a busca de um identidade cultural com “engajamento do ponto de vista ético”(p.104).

No trançado itinerário da produção lírica angolana, localiza-se também o ensaio da estudiosa brasileira Carmen Secco. Ao analisar e observar um recorte de obras do pós-2002 (data da assinatura do acordo de paz em Angola), leva-nos a refletir sobre uma poesia que “se mantém como leitora privilegiada da história” e que “se impõe como antídoto à crescente paralisia contemporânea”(p.134). A epígrafe do historiador Hayden White, escolhida pela autora, caberia muito bem a todo o volume *Lendo Angola*, a ver: “necessitamos de uma história que nos eduque a enfrentar descontinuidades mais do que antes; pois a descontinuidade, o dilaceramento e o caos são o nosso dote” (p.125).

E com o pacote de ensaios agora desembrolhado, pode-se ver que além da evidente “estoricação” entre poetas e críticos, um dos méritos dessa antologia de ensaios é trazer *fatos e feitos* de outros leitores da história da literatura angolana sob perspectivas várias, sem negar o contra-olhar e o “dote”.

(Org.) PADILHA, Laura C. & RIBEIRO, Margarida Calafate. Lendo Angola. Porto: Edições Afrontamento, 2008, 199 p.